

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

Curso de graduação em Psicologia

ARTHUR CESAR ARAUJO FIGUEIRA RODRIGUES

Os atravessamentos sócio-culturais no desenvolvimento do atleta brasileiro sob a
perspectiva da psicologia do esporte

SÃO PAULO
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

Curso de graduação em Psicologia

ARTHUR CESAR ARAUJO FIGUEIRA RODRIGUES

Os Atravessamentos sócio-culturais no desenvolvimento do atleta brasileiro sob a perspectiva da psicologia do esporte

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob a orientação Prof. Me Marisa V. Catta-Preta

SÃO PAULO
2021

AGRADECIMENTOS:

Realizar o trabalho de conclusão de curso durante a pandemia de COVID-19, trouxe desafios novos, diferentes daqueles que eu já vinha imaginando. Fazendo com que a experiência de produzir esse trabalho fosse diferente de qualquer outra.

Gostaria de iniciar agradecendo minha orientadora, Marisa, por ter me ajudado a entender e estruturar qual o objetivo e sobre quais os temas que eu queria abordar. Aguentando minha ansiedade e desespero por não conseguir alinhar o que eu pretendia abordar. Gostaria de agradecer ao professor João Pedro Perosa, que foi meu primeiro orientador e me ajudou a desmistificar o processo de produção científica.

Um super agradecimento a todos os momentos e trocas que a universidade me proporcionou, aos amigos e colegas que tanto possibilitaram discussões, relatos e partilha de experiências de vida e dos campos de trabalho.

Por último, gostaria de agradecer aos meus pais, Francisco e Cecília, pelos conselhos, pelo apoio incondicional e permitirem que pudesse buscar o meu caminho sem pressões. Obrigado por tudo, sem vocês nada disso seria possível.

RESUMO:

O presente trabalho teve como objetivo conhecer e explorar a produção científica da Psicologia do Esporte, e discutir os atravessamentos sócio-culturais dos atletas brasileiros e pensar uma Psicologia Social do Esporte que levasse em consideração os aspectos sociais envolvidos na construção da subjetividade do ser atleta no Brasil. A pesquisa caracteriza-se como análise bibliográfica, tendo sido utilizados no trabalho de revisão, artigos nacionais, internacionais, disponíveis nos bancos de dados virtuais Pepsic, Scielo e CAPES, bem como dissertações e trabalhos acadêmicos, a partir do cruzamento as seguintes palavras-chave: esporte, psicologia, psicologia do esporte, Saúde e psicologia social. A análise do material levantado resultou na construção de três capítulos teóricos, abordando a história do esporte da psicologia do esporte, as áreas de atuação da psicóloga do esporte e os aspectos sócio-culturais envolvidos na formação e desenvolvimento do atleta de alto rendimento. Por fim, elaborou-se uma conclusão levantando a realidade dos atletas no Brasil e a necessidade do fortalecimento e desenvolvimento de uma Psicologia Social do Esporte, focada não apenas no desempenho mas também na integridade, onde esses dois aspectos podem caminhar juntos, a partir de uma análise crítica e transformadora das diferentes práticas.

Palavras-chave: esporte, psicologia, psicologia do esporte, Saúde e psicologia social.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
MÉTODO.....	9
CAPÍTULO 1.....	10
CAPÍTULO 2.....	18
CAPÍTULO 3.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27

INTRODUÇÃO:

O interesse por esportes sempre fez parte da minha vida, seja como espectador e aficionado por diversas modalidades esportivas, quanto como praticante por uma grande período de minha trajetória. Joguei em clubes de futebol no final da minha infância e início da adolescência e, posteriormente, me dirigi para o basquete, onde fui atleta profissional até meus dezoito anos, quando parei por não enxergar um futuro possível naquele momento dentro do esporte. Busquei nas minhas escolhas poder tentar me aproximar daquilo que eu mais experimentei durante minha vida, que foi no esporte.

Durante os anos de faculdade, não houve incentivo sobre os estudos da psicologia do esporte, e portanto não me aproximei da discussão sobre saúde mental e exercício físico. Dessa forma, me proponho a pesquisar sobre a psicologia do esporte e do exercício físico em meu trabalho de conclusão de curso, para que assim, possa voltar a me aproximar daquilo que eu acredito ser o que mais tenho afinidade, que são as práticas esportivas, a vivência como atleta e a poder vislumbrar a possibilidade de atuar como psicólogo nesse meio.

Atualmente a psicologia do esporte tem estudos interdisciplinares com outras áreas e faz parte das ciências do esporte, no qual, estão presentes também a antropologia, filosofia e sociologia do esporte. Dessa forma, a psicologia do esporte se debruça em estudar e atuar em situações que são importantes para vivência de um atleta como, motivação, agressão, personalidade, violência, liderança, rede de apoio aos atletas, marcando um espaço onde o trabalho se complementa a partir de uma visão global de lugar social, educação e trabalho clínico, operando tanto no âmbito individual, assim como, com as equipes e outros profissionais, buscando um trabalho interdisciplinar de apoio ao esportista.

Devido ao avanço das práticas de treinamento e os intercâmbios ao longo dos anos, as competições esportivas estão cada vez mais equilibradas, o que permitiu a ascensão das ciências do esporte, no sentido de compor ao treinamento físico outras possibilidades para aumento do desempenho nas competições.

“Temas como motivação, personalidade, agressão e violência, liderança, dinâmica de grupo, bem-estar psicológico,

pensamentos e sentimentos de atletas e vários outros aspectos da prática esportiva e da atividade física têm requerido estudo e atuação de profissionais da área, visto que o nível técnico de atletas e equipes de alto rendimento está cada vez mais equilibrado, sendo dada ênfase especial à preparação emocional, tida como o diferencial.” (Rubio 1999, p.60)

Sendo assim, a psicologia do esporte surgiu enquanto campo de estudo muito próximo aos estudos das atividades físicas, sendo matéria obrigatória nos cursos de educação física, porém muito distante dos cursos de psicologia, onde praticamente não se discute o campo da atividade física e saúde mental. Segundo (RUBIO, 2007) ,destaca -se o fato de que a psicologia do esporte tornou-se uma especialidade antes mesmo de ser contemplada como disciplina obrigatória nas grades curriculares dos cursos de graduação em Psicologia no Brasil até poucos anos atrás.

Entretanto, nos últimos anos, cada vez mais a discussão sobre saúde mental de atletas de alto rendimento vem se tornando indispensável na preparação para as competições esportivas, exemplos como da tenista japonesa, número um do ranking mundial, Naomi Osaka, que desistiu de Wimbledon no meio do campeonato, alegando estar com sua saúde mental comprometida. Assim como Simone Biles nas Olimpíadas de Tokyo 2020, que optou por não competir em mais de uma final na ginástica olímpica por questões relacionadas ao desgaste emocional que vinha sofrendo, e como esses fatores poderiam vir a afetar o seu desempenho e atuação

Dessa forma, a psicologia do esporte aparece como protagonista no debate sobre até onde o atleta de alto rendimento sustenta o nível de pressão e cobrança, tanto do público como de sua autocobrança.

A perspectiva no qual a psicologia do esporte foi inserida, enquanto parte de uma área que se refere ao sociocultural, juntamente com a antropologia e a sociologia do esporte, que juntas se somam à medicina, a fisiologia e a biomecânica do esporte, referidas como áreas bio fisiológicas. Entretanto, embora as ciências do esporte apresentem uma tendência à interdisciplinaridade, elas ainda estão distantes de uma prática interdisciplinar, uma vez que as diversas sub-áreas convivem mas não necessariamente estabelecem uma relação de propostas e ações integradas. A psicologia do esporte procura investigar aspectos emocionais que possam interferir no rendimento do atleta profissional, assim como, analisar os

efeitos da atividade física nos fatores emocionais do praticante regular de algum esporte.(RUBIO, 1999)

Sendo assim, a psicologia do esporte se configurou a partir de uma perspectiva clínica, deixando de lado o olhar para o contexto histórico e social de lugar de atleta de alto rendimento, considerando-se a evolução pela qual o esporte profissionalizado se alterou nas últimas décadas. Com o avanço nas transmissões de competições esportivas de diversas modalidades, o que permitiu maior alcance de público, promovendo a popularização de diversos esportes e com isso o conhecimento pelo público dos atletas. Assim, a pressão sobre bons resultados vem aumentando, além do surgimento do fenômeno das redes sociais impulsionando ainda mais a divulgação dos atletas, assim como, aproximando o público cada vez mais do seu cotidiano que por muitas vezes, está a todo momento em contato com comentários e postagens. Sendo assim, não é possível falar apenas de psicologia esportiva enquanto um campo clínico, no qual apenas os aspectos emocionais serão analisados, é necessário um olhar histórico e social do lugar de onde cada atleta está inserido na sociedade, é necessário que se fale de racismo, pois é recorrente os episódios de discriminação em estádios e ambientes esportivos, é necessário que se fale da desproporção em salários de atletas de diferentes esportes e a sua visibilidade, é importante que se ressalte a diferença de incentivo em relação ao gênero, onde quase sempre as mulheres ganham menos que os homens. Portanto, a psicologia do esporte não busca compreender apenas o indivíduo, mas sim a totalidade presente em sua subjetividade, o regionalismo presente no Brasil e assim, poder ter uma compreensão psicossocial sobre como esse atleta chegou até ali e como, para além dos atendimentos, é possível que a psicologia contribua para o desenvolvimento, não apenas em relação ao rendimento esportivo, mas como de cidadão, consciente de seus direitos com a percepção dos atravessamentos sociais aos quais estão inseridos, tendo uma maior consciência de si-mesmo e do contexto em que vive e influencia direta ou indiretamente.(RUBIO, 2019). No presente trabalho, procuro apresentar um levantamento da história da psicologia do esporte ao longo do século XX, no capítulo um, abordando aspectos característicos de cada lugar, além da diversidade cultural de possibilidades de olhar para o fenômeno do esporte.

“O debate sobre a função e o papel da Psicologia do Esporte passa necessariamente pela discussão do que é o fenômeno esportivo e como o

mesmo tem sido construído e explorado no imaginário popular esportivo da atualidade. Isso porque o esporte contemporâneo, em seu processo de construção, sofreu influência das transformações socioculturais dos diversos momentos históricos pelo qual passou, absorvendo ao longo do século XX uma série de características da sociedade contemporânea.” (RUBIO; CAMILO, 2019, p.22)

Em seguida, busco apresentar os aspectos sócio culturais no desenvolvimento do ser atleta no Brasil, evidenciando, políticas públicas voltadas ao esporte, leis, iniciativas tanto governamentais como privadas, além da falta de apoio e infraestrutura, destacando-se o ser atleta brasileiro e suas dificuldades.

Concluo esse trabalho considerando as possibilidades de atuação na formação como psicólogo do esporte e sua função em uma equipe multiprofissional que acompanha os atletas de alto rendimento. “A Psicologia do Esporte tem como meio e fim o estudo do ser humano envolvido com a prática do exercício, da atividade física e esportiva competitiva e não competitiva (RUBIO; 2000b; 2003)

(rever)

MÉTODO:

O presente estudo abordou o desenvolvimento da psicologia do esporte enquanto área de conhecimento da psicologia. Buscando compreender o significado e as possibilidades de atuação do psicólogo do esporte no Brasil e as características e particularidades do ser atleta brasileiro e como as condições socioculturais se apresentam como um desafio para a prática esportiva em alto rendimento. Trata-se de uma monografia de caráter teórico, no qual está incluído uma revisão bibliográfica como sistematização simplificada de estudos já consagrados. Consiste em uma pesquisa de delineamento bibliográfico, com levantamento de obras na literatura. Dessa forma foi realizado levantamento de publicações nacionais e internacionais relacionadas a essa área de conhecimento, por meio da leitura de artigos, livros e textos sobre o tema de interesse. Como critério de seleção, foram utilizadas publicações avaliadas em meio acadêmico.

O esporte é um fenômeno sociocultural que acompanha o desenvolvimento do ser humano ao longo da história, presente em diversas sociedades e em diversos contextos históricos, cada qual com suas especificidades e características próprias do grupo onde foi criado ou desenvolvido a partir do contato com outras culturas.

Os Jogos Gregos da antiguidades são os primeiros registros de uma organização voltada à competição esportiva, onde os participantes tinham regras a seguir para que fossem realizados desafios entre esses homens - mulheres não eram permitidas de participarem e nem assistirem aos Jogos. De acordo com Tubino (1999, p. 05), “os Jogos Gregos são um marco da história esportiva, pois representam a concepção inicial do esporte. A principal manifestação do esporte na Antiguidade, foram os Jogos Olímpicos”. Realizavam-se em Olímpia a cada quatro anos, em homenagem ao Deus Júpiter. Ao longo da história, foram disputados 293 vezes em doze séculos (776 a.C. a 394 d.C.). (TUBINO, 1999)

O esporte moderno surgiu em uma escola na Inglaterra do século XIX. Desenvolvido por Thomas Arnold enquanto dirigia o Colégio Rugby nos anos de 1828 a 1842. Foi pensado a partir de três eixos principais, jogo, competição e formação. O que difere os jogos modernos dos jogos da antiguidade é o conceito de formação, no qual o esporte pode vir a servir como auxílio ao desenvolvimento humano. Dessa forma, Thomas Arnold incorporou atividades físicas que já eram praticadas pela aristocracia e burguesia, ao processo educativo, permitindo que os alunos criassem regras e códigos próprios, a partir de uma noção da disputa esportiva leal, no qual, as regras pré definidas e estabelecidas devem ser respeitadas e obedecidas, além do respeito mútuo entre os adversários (TUBINO 1999). Conforme destacam Rubio e Melo (2019, p.09) “a padronização das regras das diferentes modalidades esportivas faz supor a universalização das práticas, o que leva a ideia de que o mesmo esporte pode ser praticado de maneira semelhante em diferentes grupos.”

Com o passar do tempo, e o desenvolvimento dos esportes, foi necessário a criação de entidades que sistematizassem a organização de eventos esportivos, o que resultou no surgimento de federações e clubes para as disputas dos jogos. No ano de 1892, Pierre de Coubertin iniciou o movimento para a restauração dos Jogos Olímpicos, baseados nos Jogos Gregos da Antiguidade e em 1896, em Atenas na

Grécia, foi realizado o primeiro Jogos Olímpicos da modernidade, de 1896 a 1912, interrompida pela Primeira Guerra Mundial, entre os anos de 1920 a 1936, novamente interrompida pela Segunda Guerra Mundial, voltando a acontecer novamente no ano de 1948 até o dias atuais. A criação dos Jogos Olímpicos modernos buscava promover uma competição esportiva de âmbito internacional, espelhada nos Jogos Olímpicos gregos, com caráter educativo e permanente.

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna foram recriados por Pierre de Coubertin e tiveram sua primeira edição no ano de 1896. Respeitando o calendário grego, no qual foi espelhado, os Jogos Olímpicos de Verão. Realizam-se de quatro em quatro anos, período de uma Olimpíada, e atravessaram o século XX sofrendo de perto toda intensa dinâmica de um momento histórico marcado por profundos conflitos sociais de ordem mundial. (RUBIO, 2010, p. 55)

O esporte enquanto fenômeno sociocultural do século XX veio a se tornar um importante palco de disputa entre nações e ideologias. Em 1936, na cidade de Berlim na Alemanha, Hitler buscou utilizar o esporte como ferramenta de divulgação de seus ideias racistas, promovendo a edição dos Jogos Olímpicos. Entretanto, Jesse Owens, um atleta negro norte americano, viria a vencer quatro medalhas de ouro, frustrando as intenções políticas do ditador alemão. (TUBINO, 1999)

Ainda durante o século XX, o esporte foi utilizado como ferramenta de legitimação ideológica entre os Estado Unidos capitalista e a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) comunista. Sendo assim, de acordo com Tubino (1999, p. 11) “Esses dois lados, indistintamente, criaram fortes estruturas com o objetivo de obter vitórias esportivas internacionais, usadas na propaganda ideológica como comprovação de superioridade de cada regime político”. Sendo assim, o esporte, concebido no século XIX nas escolas inglesas, a partir de uma perspectiva pedagógica de auxílio na formação do sujeito, transforma-se ao longo do século XX na noção de rendimento.

O esporte contemporâneo, em seu processo de construção, sofreu influência das transformações socioculturais dos diversos momentos históricos pelo qual passou, absorvendo ao longo do século XX e início do século XXI uma série de características da sociedade contemporânea. Temos como exemplo a introdução do VAR (*video Assistant Referee*) nos jogos de futebol em diversos campeonatos

pelo mundo, no qual o árbitro da partida pode, em lances específicos, assistir novamente a jogada em um monitor ao lado do campo, para alterar ou confirmar a decisão tomada no momento do jogo. Isso surge no momento onde, dentro do estádio, as pessoas que lá estavam, torcedores, comissão técnica, atletas, conseguem receber a informação de que a marcação do árbitro foi correta ou não, devido a emergência dos smartphones e a conexão instantânea de mensagens que circulam entre os celulares. Dessa forma, a FIFA (Fédération Internationale de Football Association ou Federação Internacional de Futebol) por questões culturais e históricas, implementou essa nova modalidade na equipe de arbitragem. De acordo com Rubio; Melo (2019, p.14) “O espaço esportivo foi transformado em um setor da vida econômica e em uma área de consumo.” Isso fica evidente em esportes de grande divulgação e apelo em vários continentes, como a exemplo do futebol e do basquete da NBA (National Basketball Association), em que os jogos são transmitidos para dezenas de países e a movimentação financeira se torna exorbitante, permitindo salários astronômicos para jogadores de grandes ligas, que chegam a ganhar milhões de dólares todo ano. Esses atletas têm grande divulgação de sua imagem, principalmente em suas redes sociais que permitem que cada vez mais pessoas tenham acesso aos seus modos de ser.

Como citado anteriormente, a cada quatro anos uma cidade ao redor do mundo é escolhida para sediar as Olimpíadas, evento que reúne atletas de diversas práticas esportivas, desde atletismo, passando pela natação, canoagem, tiro com arco até esportes coletivos como handebol e futebol. Nesse período é possível observar um fenômeno no qual atletas de modalidades completamente desconhecidas pelo público geral ocupam o espaço do debate público, fazendo com que atletas e esportistas possam ser conhecidos e seus feitos comemorados. Entretanto, pela falta de incentivo ao esporte, após as competições, muitos desses atletas voltam para suas cidades e não são mais vistos ou divulgados pela mídia em geral, retornando para condições nada favoráveis para a melhora de seu rendimento. Ainda assim, muitos conseguem marcas expressivas ou até mesmo voltar com medalhas para o Brasil.

A Psicologia do Esporte surge no início do século XX, nesse contexto de disputas entre países e ideais, ou seja, é diretamente influenciada pelas concepções de cada lugar no qual foi concebida. O lugar que a psicologia do esporte veio a ocupar nem sempre foi claro. No final do século XIX já era possível encontrar

estudos e pesquisas relativas a questões psicofisiológicas no esporte, entretanto, pesquisas no campo do comportamento relacionado ao exercício físico e ao esporte foram estudadas durante muito tempo sob o título de psicologia do esporte, sem que fosse definido qual o verdadeiro objeto de estudo (RUBIO, 2010)

“A Psicologia do esporte tem sua história escrita a partir do início do século XX, na Rússia e nos Estados Unidos, e, mais precisamente, a partir da Copa do Mundo de Futebol de 1958, para o Brasil (Cratty, 1989; Feltz, 1992; McCullagh, 1995; Rubio, 2000). Definida por Williams e Straub (1991, p.30) como a *identificação e compreensão de teorias e técnicas psicológicas que podem ser aplicadas ao esporte com o objetivo de maximizar o rendimento e o desenvolvimento pessoal do atleta*, ou por Weinberg & Gould (2001, p.08) como *o estudo científico de pessoas no contexto do esporte ou exercício*”.(RUBIO, 2007, p.305)

Tal definição ficou mais clara a partir da década de 20, onde surgiram trabalhos como "Corpo e alma no desporto: uma introdução à psicologia do treinamento", escrito por Schulte e "Psicologia do treinamento" e "Psicologia do atletismo", produzido por Griffith. Durante o século XX métodos e técnicas foram desenvolvidos tanto nos Estados Unidos, com a criação do primeiro laboratório de pesquisa aplicada ao esporte, assim como, na antiga União Soviética, buscando aprimorar e desenvolver seus atletas para melhores rendimentos. A psicologia do esporte no Brasil tem como marco inicial a atuação do profissional João Carvalhaes na década de 1950 no futebol (HERNANDEZ, 2011).

Durante os anos 60 a Psicologia do Esporte vive uma fase de grande produção e a relação de nomes como Cratty, Oxendine, Solvenko, Tutko, Ogilvie, Singer e Antonelli, que marcaram a história da área com contribuições voltadas para a psicologia social na atividade física e esporte, culminando em várias publicações que influenciam trabalhos até os dias de hoje (Wiggins 1984; Willians et al, 1991 apud RUBIO, 1999).

Com o progresso das pesquisas aplicadas ao desenvolvimento esportivo e das chamadas ciências do esporte, novos coletivos e instituições foram se formando, com o objetivo de aproximar pessoas interessadas em contribuir para o estudo da psicologia do esporte. Surgiu, então, a International Society of Sport

Psychology (ISSP), presidida pelo italiano Ferruccio Antonelli, que além de ter como principal publicação o *International Journal of Sport Psychology*, passou a realizar reuniões bienais com o objetivo de divulgar trabalhos na área, além de promover o intercâmbio entre os investigadores. Preocupados com distanciamento que a ISSP vinha tomando da área acadêmica, um grupo de pesquisadores fundou, em 1968, a *North American Society for the Psychology of Sport and Physical Activity (NASPSPA)*, cujo foco de estudo e atuação recai sobre aspectos do desenvolvimento, da aprendizagem motora e da psicologia do esporte, tendo como principal periódico o *Journal of Sport and Exercise Psychology* (RUBIO, 1999)

Weinberg e Gould (2017), apresentam a história da psicologia do esporte dividida em seis períodos, com características distintas, porém, ainda interconectados, o primeiro período, conhecido como primeiros anos, ocorreu de 1883-1920, onde nos Estados Unidos, E. W. Scripture realiza estudos baseados em dados de atletas de Yale de reação e dos movimentos e da transferência do treinamento físico; Norman Triplett, psicólogo da Indiana University, queria entender porque às vezes os ciclistas pedalavam mais rápido quando em grupos ou duplas, do que pedalando sozinhos. Conduzindo a primeira experiência de psicologia do esporte e de psicologia social, buscando entender os efeitos dos outros sobre o desempenho de atletas; 1897, ocorre o segundo Congresso Olímpico que debate o efeito psicológico do esporte na juventude, e os impactos da prática do exercício físico no desenvolvimento dos jovens; 1899: E. W. Scripture da Universidade de Yale descreve traços de personalidade que acreditava serem desenvolvidos pela prática da atividade esportiva; 1903: terceiro Congresso Olímpico com foco na psicologia do esporte; 1918: Ainda estudante, Coleman Griffith conduz estudos informais de jogadores de futebol americano e de basquetebol na University of Illinois.

O segundo período ocorreu de 1920-1938, caracterizado pelo desenvolvimentos de laboratórios na Rússia, Japão e Estados Unidos e pelo aumento da produção de testes psicológicos voltados ao esporte. Coleman Griffith, considerado o pai da psicologia do esporte americana, dedicou parte considerável de sua trajetória na psicologia para o desenvolvimento de um conhecimento e teorias voltadas ao esporte e ao exercício elaborando o primeiro laboratório de psicologia do esporte. Em 1920 teve início o primeiro laboratório de psicologia do esporte, por P.A. Rudik, em Moscou, no Instituto Estatal de Cultura Física; Entre

1921-1931: Griffith publica 25 artigos de pesquisa sobre psicologia do esporte; Em 1925 se estabelece o laboratório de pesquisa sobre esportes da University of Illinois. No qual Griffith é nomeado diretor; No ano 1926, Griffith publica *Psychology of Coaching* e em 1928, Griffith publica *Psychology of Athletics*.

O terceiro período que ocorre entre 1939-1965, 1938: Franklin Henry, acadêmico que dedicou a carreira a pesquisar os aspectos psicológicos da aquisição de habilidades esportivas e motoras e veio a treinar professores de educação física para o desenvolvimento do esporte, assume um cargo no Departamento de Educação Física da University of California, em Berkeley, e estabelece o programa de graduação em psicologia da atividade física; 1943: Dorothy Yates trabalha com boxeadores universitários e estuda os efeitos de intervenções de seu treino com relaxamento; Em 1949, Warren Johnson avalia as emoções que os atletas experimentam antes das partidas e competições; Em Roma, no ano de 1965, é realizado o primeiro Congresso Mundial de Psicologia do Esporte.

Entre os anos de 1966-1977, ocorre o quarto período, estabelecendo a Psicologia do Esporte como disciplina acadêmica. Na década de 60 a Educação Física passou a ser uma disciplina acadêmica, e a psicologia do esporte se tornou um campo separado dentro dessa disciplina, a partir de uma noção de aprendizagem motora, estudando os fatores psicológicos, como ansiedade e personalidade, e sua influência sobre o desempenho de habilidades esportivas, e também como o esporte e a atividade física contribuem para o desenvolvimento psicológico. Destacam-se os psicólogos clínicos Bruce Ogilvie e Thomas Tutko que em 1966 publicam *Problem Athletes and How to Handle Them* e começam a assessorar atletas e times esportivos; Em 1967 B. Cratty, da UCLA, publica *Psychology of Physical Activity*.

O quinto período se caracteriza pela expansão da Psicologia do Esporte e do exercício. Entre os anos de 1978-2000 a psicologia do esporte tornou-se mais aceita e respeitada na discussão sobre o desenvolvimento do esporte e dos atletas. Separando-se das áreas relacionadas com exercício e ciência do esporte, bem como desenvolvimento e controle motores. Destacam-se no período, a fundação do *Journal of Sport Psychology* conhecido hoje como *Sport and Exercise Psychology*, em 1979; A criação do Conselho Consultor de Psicologia do Esporte, pelo Comitê Olímpico, no ano de 1980; Em 1986 é publicado primeiro periódico acadêmico

aplicado, *The Sport Psychologist*; Em 1988, pela primeira vez, a equipe olímpica norte-americana é acompanhada por psicólogos do esporte oficialmente reconhecidos (WEINBERG; GOULD, 2017).

O sexto período é a psicologia contemporânea do esporte e do exercício, no ano 2000, A revista *Psychology of Sport and Exercise* é criada e publicada na Europa; Em 2013 a Conferência da *International Society of Sport Psychology*, realizada na China, tem mais de 700 participantes de 70 países. A psicologia do esporte é estimulada em ambientes universitários e pela sua utilidade em facilitar o bem-estar e reduzir os custos de tratamento de saúde (WEINBERG; GOULD, 2017).

A Psicologia do Esporte teve seu início no Brasil na década de 1950, com o primeiro registro em 1954, ano no qual João Carvalhaes foi contratado pela Federação Paulista de Futebol para desenvolver um trabalho de treinamento, seleção e avaliação dos árbitros de futebol. De acordo com Hernandez (2011, p. 06) "através de entrevistas e observação do trabalho dos árbitros mais experientes, Carvalhaes identificou um conjunto de aptidões que estariam relacionadas com as tarefas do árbitro dentro do campo de futebol". Segundo o autor, dentre essas características, personalidade, nível mental, visão estereoscópica, estimativa da velocidade relativa, noção de espaço, tempo de reação, reação psicomotora (estímulo auditivo), tempo médio de reação (estímulos visuais e auditivos) e atenção. Portanto, fica evidente a influência da psicometria, a partir de testes psicológicos para definir se o árbitro tinha ou não aptidão para exercer o papel de condutor de uma partida de futebol. Esse modelo, importado dos EUA, se difundiu pelo Brasil como forma de avaliação de potencialidades entre os atletas e esportistas.

Além de ter trabalhado com a comissão de arbitragem do futebol, Carvalhaes foi convidado para integrar a comissão técnica da equipe do São Paulo Futebol Clube. E esteve presente na conquista da primeira Copa do Mundo pela Seleção Brasileira de futebol, no ano de 1958.

O marco inicial da Psicologia do Esporte brasileira foi dado pela atuação e estudos de João Carvalhaes, um profissional com grande experiência em psicometria, chamado a atuar junto ao São Paulo Futebol Clube, equipe sediada na capital paulista, onde permaneceu por cerca de 20 anos, e esteve presente na comissão técnica da seleção brasileira que foi à Copa do Mundo de Futebol de 1958 e conquistou o primeiro título mundial para o país na Suécia. (RUBIO, 2007, p.10)

De acordo com as referências técnicas para atuação de psicólogas em políticas públicas de esporte (CFP), em 1979, foi criada a Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte (SOBRAPE), posteriormente denominada Sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte, Atividade Física, Recreação e Lazer. No ano de 1998 foi criada a Comissão de Esporte do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, trazendo para dentro do conselho a discussão sobre o tema e suas especificidades enquanto atuação profissional. Sendo assim, se constituiu como conhecimento teórico, permitindo a discussão de limites que antes não eram problematizados. Essa comissão deu início à especialidade e às possíveis áreas de atuação. Os estudos sobre a relação entre a personalidade e a modalidade esportiva se torna objeto de estudo de muitos pesquisadores.

Partindo, quase sempre, do conceito de personalidade enquanto diferença individual, os estudos nessa área são controversos e, por vezes, confusos, uma vez que, além da divergência sobre o que é personalidade - característica subjetiva ou comportamental? - no âmbito da Psicologia, temos, no Esporte uma ansiedade pela busca de um padrão ou modelo que venha caracterizar o atleta de alto rendimento.(RUBIO, 1999, p.63)

Dessa forma é preciso buscar uma compreensão de como desenvolver uma Psicologia do Esporte que busque uma compreensão do lugar histórico e social no qual o indivíduo está inserido e como essas tramas que atravessam sua história fazem parte da compreensão de quem é esse sujeito e como é possível construir um trabalho que faça sentido para essa existência e não apenas uma reprodução daquilo que se construiu como Psicologia do Esporte em outras partes do mundo.

Cap 2. CAMPOS DE ATUAÇÃO NA PSICOLOGIA DO ESPORTE

“A psicologia do esporte e do exercício consiste no estudo científico de pessoas e seus comportamentos em contextos esportivos e de exercício e na aplicação prática desse conhecimento” (Gill; Williams, 2008, p. 07). Assim, para os autores, o psicólogo esportivo busca compreender e identificar diretrizes para orientação de profissionais que possam ajudar adultos e crianças a praticarem atividade esportiva, além de participar enquanto unidade de equipes profissionais que buscam a melhora da performance de atletas de alto rendimento.

De acordo com Rubio e Melo(2019, p.09): "Historicamente e hegemonicamente a Psicologia do Esporte (PE) tem se voltado para o atingimento das metas vinculadas ao rendimento de atletas e equipes esportivas."

O estudo da Psicologia do Esporte parte de dois objetivos, compreender como os fatores psicológicos afetam a performance de uma pessoa que realiza atividade física e entender a contribuição e o benefício do esporte e do exercício físico no desenvolvimento psicológico, na saúde e no bem estar de quem pratica. Portanto, a aplicação da Psicologia do Esporte pode estar voltada para o esporte de alto rendimento, onde se busca otimizar o desempenho, dentro de uma estrutura de equipe multiprofissional, onde o psicólogo atua identificando e transformando fatores e conteúdos que possam interferir no rendimento do atleta ou de uma equipe de competição. Em esporte escolar, compreendendo a função formadora do esporte para o desenvolvimento de crianças e jovens, e a possibilidade da integração facilitada pelos jogos, a partir de princípios sócio-educativos visando analisar processos de ensino, educação e socialização. Em esporte recreativo, que visa o bem estar de quem busca a atividade física voluntariamente, relacionado à procura de uma vida mais saudável. A atuação do psicólogo neste caso, parte da análise das consequências do exercício recreativo em diferentes idades, classes socioeconômicas, atuando para que o esporte possa ser uma possibilidade para todos. E por fim, o esporte de reabilitação, voltado para prevenção de pessoas que possuam alguma lesão ou sofrem de condições crônicas de saúde, necessitando de acompanhamento frequente para a realização das atividades físicas, importantes para manutenção e desenvolvimento. (RUBIO, 1999)

Rubio ; Melo (2019, p.10) apontam que:

A Psicologia do Esporte, trata do fenômeno esportivo em toda a sua complexidade, visando a compreensão da dinâmica das relações envolvidas entre atletas, técnicos, dirigentes, mídia e patrocinadores.

Assim, para Rubio; Melo (2019), compreende-se que para que o psicólogo do esporte possa atuar nas diferentes frentes que compõem uma equipe multidisciplinar de treinamento, é necessário que tenha domínio dessa modalidade na qual está referido o trabalho. Para isso, é preciso conhecer quem são os componentes da equipe, qual a função deles no desenvolvimento dos atletas, como funciona a preparação de um esportista de alto rendimento, buscando entender de forma ampla o entorno do dia a dia dos treinamentos, assim como observar a rotina de treinos e o comportamento de cada indivíduo, compondo juntamente com os treinadores uma compreensão global de como estão os atletas, quebrando com o conceito de uma psicologia de rendimento, que busca apenas melhores resultados a partir de "treinamentos mentais", e sim uma psicologia que comporte o entendimento daquele sujeito a partir de um lugar social e histórico de mundo.

Weinberg e Gould (2017) apontam que o uso efetivo da psicologia do esporte e do exercício na área requer a participação ativa no desenvolvimento do conhecimento. Sendo assim, o psicólogo esportivo deve combinar o conhecimento obtido cientificamente sobre psicologia do esporte e do exercício com o conhecimento obtido da prática profissional. Ou seja, o profissional deve integrar ativamente o conhecimento científico às suas experiências profissionais, possibilitando a integração do conhecimento adquirido no desenvolvimento do atleta com o conhecimento científico.

Ainda de acordo com Weinberg e Gould (2017), o profissional da psicologia do esporte se orienta a partir de três principais linhas de trabalho, que não excluem outras possibilidades. Sendo elas, a psicofisiológica, que busca compreender os processos fisiológicos do cérebro e sua influência sobre a atividade física, avaliando batimentos cardíacos, a atividade de ondas cerebrais e os potenciais de ação muscular, determinando relações entre essas medidas psicofisiológicas e o comportamento no esporte e no exercício. Orientação sociopsicológica, no qual o trabalho é realizado a partir do entendimento que o comportamento é determinado por uma interação complexa entre o ambiente (sociedade) e a constituição pessoal da subjetividade do atleta ou praticante de exercício, entendendo esse indivíduo enquanto sujeito de direitos, inserido em determinado contexto histórico e social que

possibilita sua ação no mundo. E a orientação cognitivo-comportamental no qual se enfatiza cognições ou pensamentos e comportamentos do atleta ou praticante de exercícios, acreditando que o pensamento é fundamental na determinação do comportamento.

A especialização em Psicologia do Esporte não é atributo apenas da Psicologia, existe um número considerável de profissionais de outras categorias, como educadores físicos, treinadores, médicos entre outros, que buscam na psicologia ferramentas para proporcionar melhores possibilidades para melhorar o rendimento dos atletas. Portanto, os profissionais seguem carreiras variadas, vindo a desempenhar três papéis principais. Atuar enquanto pesquisador, buscando aumentar o conhecimento do campo específico, através de pesquisas. Visando compreender os fatores motivacionais envolvidos na participação de crianças no esporte, como os processos mentais podem contribuir para melhorar a performance e o resultado, como a ansiedade ou depressão pode ser afetada pelo exercício diário. Weinberg e Gould (2017, p.133) apontam que “os psicólogos do esporte e do exercício são membros de equipes de pesquisa multidisciplinares que estudam problemas como adesão ao exercício, psicologia de lesões esportivas e papel do exercício no tratamento do HIV”. Os psicólogos do esporte também podem atuar na área da educação, ministrando cursos universitários, em faculdades de psicologia ou educação física, em psicologia aplicada ao esporte e psicologia social do esporte. Pode vir a atuar como consultor individual de atletas, desenvolvendo habilidades psicológicas que visam aumentar o desempenho em competições e treinamentos.

“Comitês olímpicos empregam consultores de psicologia do esporte em tempo integral, e centenas de outras equipes e atletas usam consultores em um esquema de meio turno para o treinamento de habilidades psicológicas. alguns psicólogos do esporte e do exercício trabalham na área do condicionamento físico, planejando programas de exercício que aumentem a participação e promovam o bem-estar psicológico e físico. Alguns consultores trabalham como auxiliares, apoiando clínicas de medicina esportiva ou fisioterapia, oferecendo serviços psicológicos a atletas lesionados.” (WEINBERG;GOULD, 2017 p.05)

A Psicologia do Esporte pode ainda se diferenciar em duas especialidades: psicologia clínica do esporte e psicologia educacional do esporte. Weinberg e Gould (2017), diferenciam-nas, apontando que o psicólogo clínico recebe qualificação extensiva para aprender e detectar indivíduos com transtornos psicológicos e

realizar o melhor tratamento. São autorizados pelos conselhos estaduais a tratar atletas com transtornos emocionais. Os psicólogos clínicos do esporte recebem treinamento adicional em psicologia do esporte e do exercício e nas ciências do esporte.

Transtornos alimentares e abusos de substâncias são duas áreas presentes no trabalho do psicólogo do esporte. Podendo vir a auxiliar atletas e equipes a melhor maneira de tentar lidar com esses fenômenos. Os psicólogos clínicos do esporte e do exercício tratam atletas e praticantes de exercícios físicos com transtornos emocionais graves.

Os especialistas em psicologia educacional do esporte são direcionados para o estudo das ciências do esporte e do exercício e em educação física. Esses especialistas costumam ter aulas de psicologia e aconselhamento. Entretanto, não são habilitados para identificar e realizar tratamentos em indivíduos com transtornos emocionais e não são psicólogos licenciados. Atuam em equipes multiprofissionais, acompanhando o atleta e realizando “treinamentos mentais”, que, por meio de sessões que podem ser em grupo ou individuais, visam educar atletas e praticantes de exercícios sobre habilidades psicológicas e seu desenvolvimento. Conseguir, durante uma competição, controlar a ansiedade, desenvolvimento da confiança e, principalmente em equipes, o aperfeiçoamento da comunicação entre todos os envolvidos, tanto em treinamentos como nos jogos, são atributos do trabalho do psicólogo educacional do esporte (WEINBERG; GOULD, 2017).

Dessa forma, tanto o psicólogo clínico do esporte, quanto o psicólogo educacional do esporte, devem ter um conhecimento profundo de psicologia e de ciência do esporte e do exercício, buscando o domínio sobre biomecânica, fisiologia do exercício, desenvolvimento motor aprendizagem e controle motores, medicina do esporte, pedagogia do esporte e sociologia do esporte. Além do conhecimento sobre psicopatologia, psicologia clínica, psicologia para aconselhamento, psicologia do desenvolvimento, psicologia da personalidade e psicologia fisiológica.

Cap3. ASPECTOS SÓCIO CULTURAIS NO DESENVOLVIMENTO DO SER ATLETA NO BRASIL

Para buscar melhor compreender o desenvolvimento do atleta no Brasil, primeiramente, é preciso se perguntar como se forma um esportista, quais políticas públicas estão voltadas ao fomento e o progresso do esporte no Brasil, tanto no âmbito profissional como no recreativo, quais leis asseguram os direitos dos esportistas, e que iniciativas temos de apoio à esses atletas.

Uma política governamental se constitui enquanto uma dinâmica entre Estado e sociedade, onde o governo Federal, Estadual e ou Municipal respondem a questões de necessidade da população, é a materialização do Estado nos territórios em que são aplicadas as políticas públicas.

O esporte não é novo no Brasil e a educação física começou a ser lecionada nas escolas públicas e privadas a partir do Decreto n.º 6.440, de 1934. Segundo Rubio (2018, p.76) “Os corpos dos cidadãos precisavam ser cuidados e desenvolvidos para atenderem aos interesses de uma pátria que se propunha a estar mais identificada com a Europa do que com a África.” No passado, a educação física já foi uma das principais matérias no currículo escolar, como disciplina obrigatória, permitiu a entrada de jovens no mundo dos esportes. Foi acompanhada com proximidade pelo Estado enquanto controle dos corpos, até perder espaço para outras disciplinas consideradas mais relevantes para as intenções políticas e mercadológicas, como o vestibular. Dessa forma, se tornou uma disciplina irrelevante para os interesses da época, se tornando uma peça decorativa do currículo do ensino básico, fundamental e médio, perdendo sua obrigatoriedade.

Alunos que demonstravam maior aptidão para atividades esportivas, eram incentivados a procurar clubes que pudessem contribuir com o sonho de se tornar atleta. Os alunos que demonstravam menor habilidade, eram pouco incentivados a buscar atividade física ou esportes por lazer ou prazer, distanciando-os daquilo que poderia vir a se tornar uma ferramenta saudável para lidar com as angústias e dificuldades do existir, resultando num maior número de pessoas sedentárias e não praticantes de nenhum exercício físico. (RUBIO, 2007)

Segundo Rubio (2018), os dados resultantes do Diagnóstico Nacional do Esporte, revelam o quanto a educação física é menosprezada no Brasil, 26,8 % abandonam a prática esportiva antes dos quinze anos, e as razões para isso se dão historicamente, necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar, além de problemas familiares. Entre os dezesseis e vinte e quatro anos o número sobe para 45% de pessoas que abandonam o esporte. Em relação ao sedentarismo, que pode vir a causar sérios danos irreparáveis à saúde ao longo prazo, 32,7% entre os jovens de quinze e vinte e quatro anos, não praticam esporte algum 38,1 % de vinte e quatro anos e 40,7 % de vinte e cinco a trinta e quatro anos, evidenciando a falta de apoio à prática esportiva, onde os jovens não são educados a se exercitar.

No imaginário popular, o atleta de alto rendimento, é veiculado e destacado pela mídia em geral quase sempre de modo viril, atlético, saudável e por vezes sensual. Diariamente, canais de comunicação, ressaltam os resultados e os polpidos salários dos atletas mais bem pagos do mundo, deixando de apontar a realidade da grande maioria dos esportistas, que por muitas vezes, mal possuem condições financeiras para realizar seus treinamentos com qualidade. Um exemplo que veio a ter grande repercussão, foi o treinamento do arremessador de peso Darlan Romani, em um terreno baldio por não ter onde treinar. Ainda assim, conquistou um quarto lugar na Olimpíada de 2020 no Japão, que, por decorrência da pandemia de COVID-19, aconteceu em 2021. De acordo com Camilo e Rabelo (2019, p.105) “A mídia em geral não exhibe as lesões, as dores, os medos ou as angústias, já que esses elementos tornariam os protagonistas do espetáculo comercialmente menos atrativos, menos rentáveis.”

Atletas são trabalhadores, assim como qualquer pessoa assalariada, vendem sua força de trabalho, seu tempo. Entretanto, atletas não recebem adicionais noturnos, por periculosidade, aposentadoria e diversos outros benefícios comuns em outras categorias profissionais De acordo com Camilo e Rabelo (2019, p.106) “A invisibilidade e desproteção legal resulta em diferentes impactos, econômicos, sociais e de saúde, contribuindo para a relação de dependência e exploração com clubes, patrocinadores e empresários no geral.”

O futebol enquanto esporte trazido pelos ingleses no final do século XIX e início do século XX, se tornou a modalidade esportiva mais popular e mais praticada, contribuindo para a criação de clubes e organizações esportivas. A década de 1990 e o início do século XXI, se caracteriza como um período de

mobilização intensa na área jurídica que veio a estabelecer regras e leis para o que se tem hoje como Sistema Nacional do Esporte (ANGELO, 2014).

Em 6 de julho de 1993, é promulgada a Lei Zico, n.º 8.672/93, retirando o esporte da tutela do Estado. Dentre as alterações, destaca-se a autonomia das entidades esportivas, possibilitando que clubes esportivos se tornassem empresas privadas.

Em 24 de março de 1998, é sancionada a Lei Pelé, n.º 9.615/98, com a finalidade de aperfeiçoar a Lei Zico. Apesar de tratar o esporte de forma geral, suas principais consequências foram mudanças no futebol, principalmente o fim do passe livre. Criada com o objetivo de dar maior transparência e profissionalismo para o esporte nacional. Impõe a prestação de contas por dirigentes de clubes, a criação de ligas e federações de diversos esportes, sendo determinante para a profissionalização do esporte brasileiro. Fica evidente o destaque para o desenvolvimento do futebol em detrimento de outras modalidades, deixando de levar em consideração as necessidades específicas de cada esporte.

Como exemplo da invisibilidade do trabalho do atleta de alto rendimento no Brasil, um lutador de *Mixed Martial Arts* (MMA) apresenta um relato:

Não estou nervoso para lutar, estou nervoso com o dono do evento. O cara vai me pagar 400,00 em ingressos para lutar! Daí (sic) vou ter que ficar igual um louco tentando vender, depois cobrando as pessoas para pagar, para tentar tirar alguma coisa. Isso porque é um evento televisionado. Isso porque ele tem vários patrocínios. É fogo né? (Camilo e Rabelo, 2019, p.112)

A partir desse exemplo fica evidente a precariedade e fragilização dos vínculos contratuais de esportistas, que por diversas oportunidades, participam das competições sem ao menos ter a certeza do pagamento ao final, sendo assim, essas inseguranças coexistem junto à necessidade de aumento do rendimento e busca por melhores resultados.

Esses exemplos são comuns por todo território brasileiro e caracterizados por suas desigualdades e discrepâncias no que se refere ao investimento e políticas voltadas ao desenvolvimento de atletas. O reflexo do Brasil também se faz no esporte, com pouca infraestrutura para proporcionar bons equipamentos de treinamento. Isso se dá também na falta de condições financeiras por diversos

competidores, que mal podem custear os gastos com o necessário para se manter em alto rendimento. (RUBIO, 2007)

Assim como ocorre com outras categorias profissionais, a maximização do desempenho de atletas de alto rendimento invisibilizados e o temor da falta de oportunidades de competir, gera a submissão com as condições de trabalho. O recrutamento de jovens, e por muitas vezes, crianças para iniciar o treinamento focado ao rendimento, em determinado clube ou instituição de formação de atletas, levanta a discussão sobre a extrema carga de trabalho e pressão sobre esses corpos, muitas vezes vulneráveis a diversas situações de violência. São jovens e crianças que saem de seus Estados para buscar melhores condições de infraestrutura para treinamento e que ficam longe de suas famílias, vivendo a esperança não só dele, mas também da própria família, que por muitas vezes, deposita nesse jovem a responsabilidade de mudar a condição de todos ao seu redor.

“A principal preocupação dos atletas, do ponto de vista subjetivo, que traz muitos aos consultórios e serviços de Psicologia do Esporte, tem sido como é possível ter uma ótima performance, suportar as pressões e caminhar com mais tranquilidade rumo à vitória, aguentando firme o tempo todo, sem relaxar, sem se importar com as lesões, sem se ferir ou adoecer. Ainda que as pressões, metas, rankings e expectativas sejam cada vez maiores, poucos são os atletas que clamam por mudanças. O sofrimento moral e físico é imenso, mas todos os anos milhares de crianças e jovens caminham rumo aos clubes, sonhando com suas vagas, sonhando em ser um atleta de alto rendimento.” (CAMILO, 2019 p. 116)

Para melhor exemplificar as condições pelo qual alguns atletas de alto rendimento são submetidos para lidar com os custos relacionados aos gastos com a carreira (www.pragmatismopolitico.com.br/rosangelasantos), temos a história de Rosângela Santos, 30 anos, medalhista de bronze olímpica em Pequim 2008 na prova de revezamento 4x100m feminino, ouro em quatro oportunidades nos Jogos Pan-Americanos, além de deter o recorde sul-americano nos 100m rasos no atletismo. Em uma publicação através de sua página nas redes sociais, revelou que foi dispensada pelo Esporte Clube Pinheiros após o ciclo olímpico e que virou

motorista de aplicativo para conseguir pagar as contas em determinados momentos da carreira.

Sem nenhuma explicação plausível do responsável. Achem mesmo que vale a pena passar por tudo isso. Ter de levantar cedo, ir treinar dois períodos, depois ter que pegar o carro e fazer corridas de App para poder ter renda? Estou vendo que o momento de me aposentar está cada vez mais perto (SANTOS, 2021)

Situação vivenciada por muitos esportistas na atualidade durante o ciclo olímpico que duram os 4 anos de preparação para a Olimpíada. Após este ciclo, muitos profissionais perdem seus empregos por falta de bons resultados ou por necessidade do clube de diminuir a folha de pagamento. Portanto, essa é uma pressão constante para esses atletas, que devem nestes quatro anos, provar que merecessem continuar no plantel da equipe ou do clube que os contratam, muitas vezes por salários muito baixos, vivendo com a insegurança de não saber se continuarão ou não a receber o salário.

“Essa situação me revoltou muito, principalmente com a falta de respeito. Ser sincero e honesto, isso não foi feito. Fui a duas Olimpíadas, campeã Pan-Americana, entre outros. Deixei de ir para outro clube para receber mais. Aceitei o corte esse ano com a promessa de receber depois, mas acabei dispensada” (SANTOS, 2021)

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Hoje em dia a Psicologia do Esporte conquistou grande destaque no debate sobre o esporte e os efeitos da atividade física sobre as pessoas. Desde o debate público sobre a desistência de atletas em meio a competições, alegando problemas emocionais que comprometeriam sua concentração e o desempenho. Até o desenvolvimento acadêmico, com novas publicações e maior interesse por estudos nessa área.

Elaborada a partir do uso de testes e laboratórios, a Psicologia do Esporte se desenvolveu no contexto de uma psicologia aplicada, com grande influência da psicologia cognitivo-comportamental e de orientação psicofisiológica. Dessa forma, alguns modelos de treinamento, trazidos ao Brasil por pesquisadores estrangeiros, foram implementados, desconsiderando as particularidades dos corpos, das equipes e das culturas.

“A padronização das regras das diferentes modalidades esportivas faz supor a universalização das práticas, o que leva a ideia de que o mesmo esporte pode ser praticado de maneira semelhante em diferentes países ou grupos. Essa falsa premissa levou a importação de modelos de treinamento, sobretudo no contexto do esporte de alto rendimento, com uso de inventários, protocolos, estatística e exaustivas repetições sequenciais de movimentos, gerando uma verdadeira “linha de fabricação” de atletas, que copia de algum modo, os clássicos modelos de produção.” (RUBIO, 2019, p.09)

Sendo assim, a Psicologia do Esporte, historicamente, tem seus trabalhos focados igualmente para o atingimento de metas e para o aumento do rendimento e melhores resultados de atletas e equipes esportivas, ocupando muitas vezes, o mesmo lugar perigoso de padronização. Tal modelo de produção e conhecimento sobre as ciências do esporte, se torna incompleto, no sentido que, sem levar em consideração as influências sociais, culturais e históricas na construção do ser atleta, a busca por uma melhor performance fica baseada em mimetismos, impossibilitando buscar novas ferramentas e maior repertório que fariam mais sentido para esse esportista, de acordo com sua própria experiência.

O pragmatismo característico do desenvolvimento da especialização da psicologia do esporte, que busca a determinação de perfis psicológicos e modelos de intervenção com objetivo de maximizar e potencializar a performance não se faz

suficiente para a compreensão das histórias de vida, das relações interpessoais e dos aspectos sócio culturais envolvidos na construção da subjetividade do ser atleta. De acordo com Rubio (2019, p.10) se fez necessário “a construção de uma Psicologia Social do Esporte, em que o rendimento esportivo e a integridade do atleta podem caminhar juntos, desde que se mantenha uma inquietude, uma análise crítica e transformadora das diferentes práticas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANGELO, L. F. *Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol*. 2014, 147p. Tese. (Doutorado em Educação Física e Esporte). Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CAMILO, Juliana; RABELO, Ivan. *Precariedade e invisibilidade no trabalho dos atletas de alto rendimento*. São Paulo. Képos, p. 105-120, 2019 (Psicologia Social do Esporte)

GILL, D. WILLIAMS, L. *Psychological dynamics of sport and exercise* (3rd ed.). Champaign, IL: Human Kinetics, 2008

HERNANDEZ, José Augusto Evangelho. João Carvalhaes, um psicólogo campeão do mundo de futebol. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, 2011

NAOMI, Osaka abandona Roland Garros após polêmica. *Globo Esporte*, Paris, 31 de maio de 2021. Disponível em <https://ge.globo.com/tenis/noticia/naomi-osaka-abandona-roland-garros.ghtml>. Acesso em 07 de jul de 2021

SANTOS, Rosângela. Medalhista Olímpica é demitida do Pinheiros e vira motorista de aplicativo. [03/11/2021]. São Paulo: *Revista Pragmatismo Político*. Entrevista concedida a Redação.

SIMONE Biles desiste de disputar a final de solo nas Olimpíadas de Tóquio. *CNN Brasil*, São Paulo, 01 de ago de 2021. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/simone-biles-desiste-de-disputar-a-final-do-solo-nas-olimpiadas-de-toquio/>. Acesso em 08 de junho de 2021.

RUBIO, Katia. *Ética e Compromisso Social na Psicologia do Esporte*. Universidade de São Paulo, 2007

RUBIO, K; RABELO, I. S.; CRUZ, R. M. Aspectos psicológicos. In: BÖHME, M. T. S. (Org.). *Avaliação de desempenho em educação física e esporte*. Barueri: Manole, 2018, pp. 73-85.

RUBIO, Katia. *A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa*. Psicologia, Ciência e Profissão. São Paulo, 1999.

RUBIO, Katia. *Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização*. Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2010.

RUBIO, Katia; CAMILO, Juliana. *Por que uma Psicologia Social do Esporte*. São Paulo. Képos, p. 09-18, 2019 (Psicologia Social do Esporte)

TUBINO. J. G, Manoel. *O que é esporte*. TUBINO, M. J. G. *O que é esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1999

Weinberg, R. S.; Gould, D. *Foundations of sport and exercise psychology*. 6 ed, artmed, 2017

Wiggins 1984 - Wiggins, D. K. The history of psychology of sport in North America. In: J. M. Silva; R. Weinberg (ed.) *Psychological foundations of sport*. Champaign: Human Kinetics, 1984.

Willians et al, 1991 - Willians, J. M.; Straub, W. F. *Psicologia del Deporte: pasado, presente, futuro*. In. J. M. Willians (org.) *Psicologia aplicada al deporte*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1991.